

Novas realidades da produção agrícola: refletindo possibilidades de associação da educação do campo com o Projeto de Extensão - "Feira Agroecológica"

Maria Gabriela Strechar¹, Audevir Vergeppka², Cesar Renato Ferreira da Costa³, Gabriel Sedorko Gulak⁴, Jaíne Mariele Szorek⁵, Marylia Gabriela Ortis da Fonseca⁶

Resumo: *A Agroecologia valoriza pessoas em espaços de troca de saberes, boas práticas e comércio justo. Este artigo reflete o Projeto de Extensão "Feira Agroecológica", associado a educação, propondo novas realidades de produção e modos de vida, versus sistemas agroindustriais integrados, atualmente hegemônicos. A reflexão teórica parte da ideia de transformações socioeconômicas e culturais, pela pedagogia da alternância, sugerindo produção e relações socioambientais diferentes do modelo hegemônico. Pela teoria observa-se a consistência dos três eixos do projeto: viabilidade de comercialização de produtos, a formação contextualizada de sujeitos sociais e produção agrícola humana e ambiental para vida. A educação no campo, convergente a ação da Feira Agroecológica, traria benefícios para agricultores e consumidores, viabilizando espaço para venda de produtos, com rentabilidade necessária, com vida saudável e humanizada fortalecendo a todos, a partir de uma educação contextualizada e constante.*

Palavras-chave: *Agricultura. Educação. Feira agroecológica.*

Área Temática: *Educação, Trabalho, Meio ambiente.*

New realities of agricultural production: reflecting possibilities of associating rural education with the Extension Project - "Agroecological Fair"

Abstract: *Agroecology values people in spaces for exchanging knowledge, good practices and fair trade. This article reflects the "Agroecological Fair" Extension Project, associated with education, proposing new realities of production and ways of life, versus currently hegemonic integrated agro-industrial systems. The theoretical reflection starts from the idea of socioeconomic and cultural transformations, through the pedagogy of alternation, suggesting production and socio-environmental relations different from the hegemonic model. Based on the theory, the consistency of the three axes of the project is observed: feasibility of marketing products, contextualized formation of social subjects and human and environmental agricultural production for life. Education in the countryside, converging with the action of the Agroecological Fair, would bring benefits to farmers and consumers, providing space for the sale of products, with necessary profitability, with a healthy and humanized life, strengthening everyone, based on contextualized and constant education.*

Keywords: *Agriculture. Education. Agroecological fair.*

¹ Acadêmica de Administração da Universidade Estadual do Centro-oeste-UNICENTRO-PR, Brasil e bolsista voluntária do Programa de Responsabilidade Social do DEADM/I. Endereço: Rua Marechal Deodoro, 965, Centro, Prudentópolis-PR. CEP 84400-000. Telefone: (42) 99923-6799. E-mail: mgabriela225@hotmail.com

² Acadêmico de Administração da Universidade Estadual do Centro-oeste-UNICENTRO-PR, Brasil e bolsista voluntário do Programa de Responsabilidade Social do DEADM/I. Endereço: Pov. Barra Grande, s/n, zona rural, Prudentópolis-PR. CEP 84400-000.

³ Docente de Administração da Universidade Estadual do Centro-oeste-UNICENTRO-PR, Brasil e Coordenador do Programa de Responsabilidade Social do DEADM/I. Endereço: Rua Assaf, nº 760, Ap. 2, Bloco C, Bairro Chácara Paulista - Maringá-PR. CEP 87005-110.

⁴ Acadêmico de Administração da Universidade Estadual do Centro-oeste-UNICENTRO-PR, Brasil e bolsista voluntário do Programa de Responsabilidade Social do DEADM/I, PR Brasil. Endereço: Rua Taras Schevtchenko, 212, Jardim Ucrânia, Prudentópolis-PR. CEP 84400-000.

⁵ Acadêmica de Administração da Universidade Estadual do Centro-oeste-UNICENTRO-PR, Brasil e bolsista voluntário do Programa de Responsabilidade Social do DEADM/I. Endereço: Rua Marechal Deodoro, 965, centro, Prudentópolis-PR. CEP 84400-000.

⁶ Acadêmica de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro-oeste-UNICENTRO-PR, Brasil e bolsista voluntária do Projeto de Extensão Feira Agroecológica da UNICENTRO. Endereço: Rua das Macieiras, 205, Bairro Floresta, Prudentópolis-PR. CEP 84502-286.

Nuevas realidades de la producción agrícola: reflejando posibilidades de asociar la educación rural con el Proyecto de Extensión - "Feria Agroecológica"

Resumen: *La agroecología valora a las personas en espacios de intercambio de conocimientos, buenas prácticas y comercio justo. Este artículo refleja el Proyecto de Extensión "Feria Agroecológica", asociado a la educación, proponiendo nuevas realidades de producción y formas de vida, versus los actuales sistemas agroindustriales integrados hegemónicos. La reflexión teórica parte de la idea de transformaciones socioeconómicas y culturales, a través de la pedagogía de la alternancia, sugiriendo relaciones productivas y socioambientales distintas al modelo hegemónico. Con base en la teoría, se observa la consistencia de los tres ejes del proyecto: factibilidad de comercialización de productos, formación contextualizada de sujetos sociales y producción agrícola humana y ambiental para la vida. La educación en el campo, convergiendo con la acción de la Feria Agroecológica, traería beneficios a agricultores y consumidores, brindando espacio para la venta de productos, con la rentabilidad necesaria, con una vida sana y humanizada, fortaleciendo a todos, a partir de una educación contextualizada y constante.*

Palabras clave: *Agricultura. Educación. Feria agroecológica.*

INTRODUÇÃO

Os modos de produção da atividade agrícola, considerada essencial para o suprimento de necessidades básicas dos seres humanos, como descreve Assis (2006), exigem de forma constante, ao longo da história, movimentos de inovação, como os caracterizados pelo uso de novas tecnologias, rotação de culturas, uso do solo e integração das atividades agropastoris. Ainda, segundo o autor, na origem das transformações sociais e culturais, prevaleciam respeito ao meio ambiente e suas limitações ecológicas (ASSIS, 2006).

Para Romeiro (1996), com o surgimento da “revolução verde”, as regras ecológicas básicas de gestão da natureza passaram a ser vistas como desnecessárias à prática agrícola, por se considerar que o caráter ambientalmente agressivo da então agricultura moderna era um mal necessário, que podia ser moderado dependendo das práticas conservacionistas.

Contudo, mesmo em um cenário de desenvolvimento decorrente da “revolução verde”, reconhecido por seu evidente aparato tecnológico, muitos agricultores mais humildes e deslocados dos eixos onde se adequam a agricultura extensiva, não foram incluídos, visto que os custos de investimento para o aporte do pacote tecnológico, são relativamente elevados e não cabem no orçamento desses produtores (ASSIS, 2006).

De modo especial no Brasil, por essa circunstância de custos dos processos agroindustriais, as pequenas propriedades familiares, gradualmente abandonam práticas agrícolas tradicionais para associarem-se aos processos produtivos que caracterizam a “revolução verde”, e face a necessidade se apoiam em sistemas integrados de produção agroindustrial, tal como descreve Neves (2008).

Neste sentido, ao invés de adaptar o ecossistema agrícola para que as variedades mais tradicionais tivessem alta capacidade produtiva, ações integradas focaram investimentos em agrotóxicos e insumos, pelas empresas integradoras, buscando privilegiar variedades que resultassem em atender mercados específicos da agroindústria e produção de commodities, tal como fumo, soja, feijão e milho (LAURENTINO, 2013).

Ao longo dos últimos anos, esses processos têm sido considerados adequados ao equilíbrio socioeconômico das famílias de agricultores, contudo algumas disfunções importantes, descritas por Weiss (2015),

parecem perturbar de modo constante o equilíbrio que as mesmas possuíam no passado, calcado em tradições culturais e familiares que não se sustentam nessa nova proposta de formas de organização, o que sugere a necessidade de articulação de outras possibilidades apresentadas a estas famílias.

Nessa renovada articulação, para sistemas mais adequados às características de trabalho e fatores de produção da terra, é importante estabelecer o papel da educação para às famílias de agricultores, que compõe as unidades familiares de produção. Na visão de Machado *et al* (2020) é necessário a concepção de uma construção de conhecimentos que estabeleçam práticas e perspectivas relacionadas às famílias camponesas, que apesar de precisar incorporar novas realidades tecnológicas, devem estar baseadas na sua possibilidade produtiva, e não naquela que orienta as produções agrícolas de caráter hegemônico.

Como uma destas possíveis abordagens alternativas, torna-se pertinente um olhar para a agroecologia, que de maneira conceitual, destacada por Gliessman (2000), caracteriza-se como uma ciência que surgiu na década de 1970 para estabelecer uma base teórica dos diferentes movimentos de agricultura não convencional. Busca o entendimento do funcionamento de agroecossistemas, tendo como princípio a conservação e a ampliação da biodiversidade dos sistemas agrícolas para produzir com sustentabilidade (ASSIS, 2006).

Na visão de Gliessman (2000) a agroecologia propõe a transição dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agricultura convencionais, para estilos de desenvolvimento rural e de agricultura sustentáveis. Este conceito permite o estudo das atividades agrárias sob uma perspectiva ecológica, ampliando os princípios e conceitos da ecologia no manejo e desenho de agrossistemas sustentáveis.

Como ação extensionista atualmente, diversos projetos de extensão universitária têm levantado práticas alternativas, consideradas a partir da realidade da vida camponesa, dentre os quais cabe aqui destacar a “Feira Agroecológica da Unicentro” (IKUTA *et al*, 2020), a qual busca promover uma proposta de formação, comercialização e modo de produção, orientados por esse novo consequente agroecológico.

Este trabalho, busca refletir sobre possibilidades de novas formulações da atividade agrícola camponesa, para famílias residentes em comunidades rurais tradicionais, a partir de uma articulação extensionista que considere a educação no campo, respeitando as tradições camponesas, tendo na agroecologia, componente de fortalecimento da cultura, trabalho e renda.

Educação no campo

A educação ao longo de toda a história, vista por um olhar crítico como o de Freire (2000), é considerada como uma forma de opressão, exclusão, segregação e promoção de desigualdades. Essa afirmação reconhece que o ensino pensado e criado partindo de poder específico de uma classe dominante, determina o acesso a poucos sujeitos. Nesse caso a educação tem seus princípios enraizados na hegemonia e no conhecimento sobreposto que invalida outros.

Com base nessa perspectiva, na visão descrita por Machado *et al* (2020), a educação ofertada aos sujeitos do campo, sem uma pedagogia apropriada à sua realidade, se torna uma forma de exclusão e opressão. Princípios de hegemonia naturalizam saberes que não possuem relação com a cultura camponesa e não incluem seus sujeitos como protagonistas desse processo. É uma educação generalizante que visa a formação da mão de obra e do acúmulo de capital.

Dessa forma, no Brasil a construção de políticas específicas voltadas para a educação no campo deu-se a partir do século XXI, decorrente de inúmeros movimentos e lutas sociais que pressionaram o Estado, visando a inserção de uma modalidade de educação para os sujeitos residentes do campo, descrita como Pedagogia da Alternância, objetivando uma educação que respeitasse as singularidades e especificidades do viver no campo e buscando ainda evitar uma importação de modelos de ensino do ambiente urbano para essas pessoas (CALDART *et al*, 2012).

Considerando o que defendem Costa e Cabral (2016) a Educação no Campo parte do princípio da diversidade sociocultural, sendo assim, associa-se como um espaço de vida, resistência e possibilidades de desenvolvimento social, econômico e cultural. Ainda, conforme os autores, a Educação no Campo é uma forma de enfrentamento ao modelo de educação imposto aos camponeses pela classe dominante.

Os autores reforçam então, que a educação no e do campo, se refere a uma forma de ensino no contexto da vida camponesa, e relacionada “[...] ao lugar, vinculada à cultura e às suas necessidades humanas e sociais. Ou seja, a educação como formação humana em todos os aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos e históricos” (COSTA; CABRAL, p.183, 2016).

Em sua crítica a pedagogias opressoras, Freire (2016) explicita que ao repassar aos Estudantes uma simples frase como “Eva viu a uva”, deve-se buscar, além da leitura mecânica, compreender a posição de cada sujeito, ou seja, que lugar Eva ocupa em seu contexto social? Quem trabalha para produzir as uvas? E quem lucra com esse ofício?

Desta forma, cabe ressaltar a necessidade do ensino contextualizado ao dia a dia do Estudante em alternância com suas efetivas práticas de vida, visando a formação de um sujeito crítico e reflexivo. Com base nesses aspectos, Begnami (2006) também destaca a “Pedagogia da Alternância”, como uma alternativa para a Educação no Campo, isto é, esta modalidade educativa consiste na promoção de um ensino, formação e profissionalização eficaz e apropriada a verdadeira realidade do campo.

Dentro desse contexto, a alternância significa uma forma de aprender pela vida, partindo do cotidiano do Estudante, dos momentos experienciais, colocando a vivência do educando antes da teoria (PALARO; BERNARTT, 2012).

A Pedagogia da Alternância é, em suma, uma forma de educação que oportuniza a troca constante de experiências entre o campo e a escola, visto que o educando leva os problemas vividos no campo, junto a sua prática, experiência de seus pais e de outros residentes da comunidade à escola, e é na instituição escolar que transforma suas vivências em novos conhecimentos, tanto para os profissionais que ali atuam, quanto para os demais Estudantes. Neste sentido, conforme Santos e Macedo (2017, p. 4) destacam, a Pedagogia da Alternância:

Por meio de seus instrumentos, atribui grande importância a momentos de articulação entre o tempo escola e o tempo comunidade, considerando a experiência concreta dos estudantes e também dos atores da comunidade. Esta troca constante entre campo e escola gera temáticas necessárias à vida associativa e comunitária.

Sendo assim, esse método de ensino, ao alternar as experiências do Estudante, ora em sua comunidade, ora em sua escola, possibilita um constante movimento de aprendizado, visto que ao sair da escola com a teoria, aplica-se no campo, e lá pode observar de forma direta os conhecimentos aprendidos. Dessa forma, a Pedagogia da Alternância se mostra como uma metodologia revolucionária por ter um processo de ensino aprendizagem pautada na ação e reflexão e, fundamentada na relação teoria e prática, buscando a transformação da realidade.

Cabe ressaltar que a Pedagogia da Alternância, junto a Educação do Campo e a possibilidade de associação com conceitos como a Agroecologia, se torna elemento indissociável para a valorização das singularidades de determinado grupo social.

Desse modo, tais formas de ensino e filosofias aplicáveis a vida das comunidades rurais, são resultado de diversas lutas sociais e políticas para o direito a uma educação como prática “[...] de liberdade, emancipatória e alicerçada na valorização e partilha dos saberes, sem hierarquização e com aprendizagens impregnadas de sentido, integradas com a realidade e centralizadas no diálogo” (VERGUTZ; CAVALCANTE, 2014, p. 386).

Há, portanto, consistência entre os processos de ensino articulados entre a Pedagogia da Alternância, Educação no Campo e a filosofia Agroecológica, que se fundem no reconhecimento de seus sujeitos, na diversidade de conhecimentos, e tornam os indivíduos inseridos nesse processo como conhecedores de sua história.

Ao se reconhecerem como pertencentes e protagonistas, Estudantes inferem força para a continuidade da luta por uma educação significativa. Quando conhecedor de sua função social, e em consequência de formas de vida (re)existentes às formulações opressoras, impostas por práticas como as dos sistemas integrados de produção agroindustrial e modelos educacionais hegemônicos, superam a opressão e estabelecem autonomia (FREIRE, 2016).

Conceituando a Agroecologia

No contexto destas práticas agrícolas opressoras de sentido subjetivo, e mesmo de sobrevivência humana, em que os resultados da produção não atendem necessariamente as condições naturais para a constituição da vida com qualidade, usando a capacidade intelectual e a força física dos sujeitos sociais apenas como mercadoria (MARX, 2006), dentre os meios necessários a produção para o mercado, historicamente surgem demandas para a construção de alternativas que estabeleçam a (re)existência e a subversão dessas condições de opressão.

Nesse contexto de (re)existência, se destacam o surgimento de movimentos de agricultura, alternativos ao convencional, contestando o uso abusivo de agrotóxicos e insumos agrícolas industrializados. Intensifica-se o reconhecimento de modelos agrícolas que consideram a importância das diferentes interações ecológicas para a produção agrícola. A partir destes movimentos, surgiram correntes de atuação com diversas denominações para

diferentes sistemas de produção, dentre eles a Agroecologia, apresentada pelo projeto de extensão que motiva esse trabalho e será melhor descrito na sua sequência.

Desde alguns anos atrás, a agroecologia como descreve Gliessman (2000), veio ganhando espaço na agricultura e atualmente está em evidência, ao ser utilizada como técnica ou instrumento metodológico para compreender melhor o funcionamento e a dinâmica dos sistemas agrários e resolver a grande quantidade de problemas técnico-agronômicos que as ciências agrárias convencionais não conseguem esclarecer.

A noção de agricultura de base ecológica se fortalece pela existência de várias escolas ou correntes, que propõem a aplicação de princípios ecológicos para a produção agropecuária, a partir da implantação de técnicas alternativas ao modelo convencional, diversificando os sistemas de produção, permitindo a redução de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos (EMBRAPA, 2006).

Em um sentido mais amplo, a agroecologia nesta proposta alternativa, descrita por Machado *et al* (2020) na verdade possui uma dimensão educacional, na qual a interferência nas variáveis sociais ocupa um papel relevante, mesmo porque, partindo da dimensão técnica e tendo seu primeiro nível de análise a propriedade agrária e suas peculiaridades, se pretende compreender e contrapor as múltiplas formas de dependência que o funcionamento atual da política e da economia impõe aos agricultores.

Essas formas de dependência, reformuladas por processos de reconhecimento com base na educação do campo, também dispostos por Machado *et al* (2020), promovem um entendimento da agroecologia a partir de uma nova filosofia, que além de promover um novo aporte às tecnologias, que visem melhoria nos resultados do processo produtivo, também trazem consigo uma nova proposta de reconhecimento da vida camponesa, estendendo-se aos cidadãos urbanos pela possibilidade de consumo consciente, alimentação saudável, e em última análise, segurança alimentar a ambos os sujeitos, camponeses e urbanos, na construção de uma sociedade melhor.

Deste modo, Guzmán Casado *et al* (2000) consideram como central a matriz comunitária em que se insere o agricultor, isto é, a matriz sociocultural que proporciona uma práxis intelectual e política à sua identidade local e à sua rede de relações sociais, tanto por sua proposta de formação contextualizada, quanto por sua autonomia e criticidade, quando da relação com outros sujeitos sociais, de caráter mais urbano.

Os sistemas agroecológicos buscam maximizar a reciclagem de energia e nutrientes, como forma de minimizar a perda destes recursos durante os processos produtivos, com a diversificação, esses sistemas se tornam mais estáveis por aumentarem a capacidade de absorver as agitações do processo produtivo da agricultura, aumentando assim a capacidade de auto reprodução (ALTIERI, 1998).

A agroecologia resgata os conhecimentos desprezados pela agricultura moderna e ao contrário de que muitos críticos colocam, não representa uma volta ao passado, utiliza o que há de mais avançado em termos de ciência e tecnologia para criar agroecossistemas sustentáveis e de alta produtividade, apresentando características semelhantes a ecossistemas naturais (GLIESSMAN, 2000).

Analisando os princípios teóricos da agroecologia como reforça Altieri (1998), diante das características da produção agrícola familiar, percebe-se que ela se adequa mais facilmente à realidade deste sistema, já que possui estruturas de produção diversificadas e com nível de complexidade desejável, sem prejuízo e controle do processo de trabalho.

Conforme relatado neste tópico, percebe-se que a agroecologia como uma forma de desenvolvimento sustentável, em outras palavras, consiste na utilização de experiências produtivas em agricultura ecológica, que converge para a elaboração de propostas sócio educacionais coletivas, que demonstrem e combatam a lógica predatória do modelo produtivo agroindustrial hegemônico, de base material, permitindo sua substituição por outro que aponte para uma agricultura socialmente mais justa, economicamente viável e ecologicamente apropriada (CASADO *et al*, 2000).

A proposta extensionista de estruturar uma feira de produtos agroecológicos, articulando produtores familiares regionais, a comunidade acadêmica universitária e consumidores conscientes, preocupados com alimentação saudável e preservação dos recursos naturais, associada a ideia de uma proposta compatível de educação no campo e um modo de produção agrícola sustentável, que seja produto dessa associação, moveu a discussão desse trabalho.

Apartir dos objetivos alinhados acima e a ideia de agroecologia como nova proposta de viver, compartilhar e produzir, pretende-se promover a explicação de como articular essa nova realidade, o que está exposto na discussão que dá sequência a este texto.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Refletir sobre as possibilidades que sugerem o projeto de extensão “Feira Agroecológica”, contornada por uma proposta de educação no campo, no sentido de construir novas realidades de produção agrícola e modos de vida, diferentes daqueles sugeridos pela proposta hegemônica que orienta a integração de sistemas agroindustriais.

Objetivos Específicos:

- Entender as formas propostas de pedagogia da alternância, conduzidas pela educação do campo, para formação da população camponesa na atualidade;
- Estudar a viabilidade de transição no modo de produção agrícola convencional para a prática agroecológica, em famílias que compõe comunidades agrícolas tradicionais;
- Refletir sobre possíveis articulações de comercialização, formação e produção agrícola, a partir dos eixos que movem o Projeto de Extensão “Feira Agroecológica” para famílias agricultoras em comunidades tradicionais.

METODOLOGIA

Trata-se de uma reflexão teórica, que parte da ideia de transformações socioeconômicas e culturais, em comunidades rurais tradicionais, no sentido de discutir modos de produção e de relações socioambientais diferentes daquelas propostas pelos modelos hegemônicos dominantes, como se reflete nas integrações agroindustriais de produção de commodities e outros produtos agropastoris, de interesse eminentemente comerciais.

Esta disposição metodológica, parte de um rigor científico consistente, mas orientado por reflexões comprometidas, como as que propõe Freire (1983), pode sinalizar uma discussão que construa bases para o amadurecimento das possibilidades teóricas e empíricas propostas pela ciência e que a fazem desenvolver.

Com essa proposição teórica mais livre, Meneghetti (2011) nos encoraja a opções conscientes e intencionais de perceber o mundo e seus fenômenos, menos pela perspectiva quantitativa e instrumental, comprovada apenas pela calculabilidade, e mais pelo entendimento qualitativo e substantivo, que permite vivência, especulação e compreensão, nas interpretações do objeto ou sujeito que se quer analisar.

É, portanto, um estudo qualitativo orientado para a reflexão, baseado em postulados teóricos construídos a partir de consultas em fontes secundárias, que articulam a discussão proposta pelo trabalho, no reconhecimento da educação do campo, dos sistemas integrados agroindustriais e da prática de produção agroecológica.

Os ensaios qualitativos, nesse sentido, apontam para formas de reflexão, que ao mesmo tempo, orientam a pesquisa, mas também conduzem a ação extensionista às práticas e epistemologias que envolvem o campo de estudo e efetivo espaço de organização.

Na defesa de Stake (2005, 2010) esta abordagem de pesquisa flui adequadamente para o olhar de recorrências sociais, identificando circunstâncias subjetivas, como relações, percepção para o trabalho e influências funcionais e humanistas no comportamento.

As referências de fonte secundária, quando bem selecionadas e interpretadas, são capazes de contribuir com subsídios para uma reflexão mais ampla, como reconhece Richardson (1999) na medida em que se pode considerar que são produtos da visão empírica de pesquisas comprometidas e associadas à realidade que envolve o trabalho a ser construído.

A produção teórica elaborada, a partir de breves reflexões sobre os temas centrais discutidos no trabalho, serão então postas como arcabouço teórico que indique a realidade presente, assim como, sejam capazes de refletir sobre transformações requeridas, a partir da consecução de propostas objetivas, nesse caso, apresentadas pelo projeto de extensão, que move ações de comercialização, formação e transformação da realidade da produção agrícola, movida por conceitos e definições da agroecologia.

Acompanhando ainda a posição de Stake (2005), a interpretação da gestão dessas ações, que envolvam modos de produção e relações humanas com os sujeitos, precisa ser interpretada de modo crítico, mas também posicionado, o que estimula às suas próprias escolhas.

Os resultados finais devem ser organizados no sentido de encaminhar possíveis propostas de novas formas de organização e produção, na perspectiva prática e teórica, tal como interpretadas na Análise Crítica do Discurso (ACD) defendida por Fairclough (1982), procurando visualizar um formato (re)existente de propriedades familiares originárias de comunidades agrícolas tradicionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Projeto de Extensão “Feira Agroecológica”, consiste em uma ação extensionista, reunindo um coletivo com sujeitos diversos, quais sejam, Acadêmicos, Estudantes, Professores e Técnicos; Agricultores Familiares, Artesãos e Empreendedores individuais; Consumidores; e outros sujeitos, ligados ao governo, movimentos sociais e outras instituições relacionadas (UNICENTRO, 2019).

Atua a partir do objetivo central de “Promover interação, participação, comunicação e formação, aliados a comercialização via feira de produtos provenientes de produção agroecológica, num espaço dinâmico e de integração cultural” (UNICENTRO, 2019, p.5).

A ação extensionista do projeto está estruturada na solidariedade de três principais eixos, quais sejam, a viabilidade de comercialização de produtos, a formação de sujeitos alicerçada em conceitos e definições contextualizados com sua realidade e a produção agrícola orientada por práticas mais ambientais e humanas, ligadas à vida e ao consumo consciente.

Esta ação, orientada por metodologia participativa e coletiva, em arranjos como descrevem Borda (1981) e Freire (1983) denotam então a importância de processos comunicativos, educativos e de interação socioambiental, que podem ser construídos a partir de propostas, tais como, a pedagogia da alternância, interação dialógica e extensão universitária.

A agricultura familiar, geopoliticamente recorrente em comunidades tradicionais do interior do país, tem sido constituída ao longo da história, como resultado de políticas públicas desenvolvimentistas (BRASIL, 2007), suprimindo a necessidade de ocupação de terras agriculturáveis do país, originárias de movimentos migratórios, de colonos estrangeiros estimulados a imigrarem para o Brasil, ou ainda, como destaca Orreda (1977), resultantes de comerciantes ambulantes (mascates) ou trabalhadores em busca de emprego e renda, excluídos das regiões mais urbanizadas do país.

Nesta origem histórica de ocupação populacional, tais comunidades foram estabelecendo modos de produção mais rústicos, movidas por saberes tradicionais, mas também limitadas por recursos escassos. Na visão de Redfield (1989) esses compostos sociais suprem suas necessidades básicas de vida, orientados por uma cultura marcada por práticas herdadas de gerações de antepassados, que alcançavam resultados devido a coesão familiar, associação coletiva e rígidos suportes religiosos.

Contudo, pela influência de aspectos de urbanidade, evolução das tecnologias de informação e comunicação, novas demandas por produtos agropastoris, notadamente observadas na “revolução verde”, que

destaca Romeiro (1996), a produção agrícola passa a ser determinada pelo mercado especulativo. Sensíveis mudanças estruturais e socioeconômicas passam a influenciar as propriedades rurais originais, as transformando de maneira significativa, e produzindo como disfunção, exclusão social.

Neste novo cenário, as formas de produção e organização agropastoris transformam-se na direção de sistemas integrados de produção agroindustrial, como os descreve Neves (2008), passando a influenciar a decisão de plantio e criação nas propriedades rurais, antes tradicionais, voltadas para o consumo próprio, com eventual oferta de excedentes, e na atualidade, caracterizadas por atividades do campo voltadas para oferta ao mercado dos produtos demandados pela “revolução verde” e com características associadas as formas de produção que conduzem o agronegócio nacional.

Neste contexto, que promove dificuldades de inserção social de algumas famílias de agricultores em comunidades tradicionais, face a essas novas realidades postas na atividade rural, o Projeto de Extensão “Feira Agroecológica”, epistemológica e metodologicamente contornado pela visão da agroecologia, sinaliza conceber possibilidades estratégicas de propor alternativas nas formas de produção e organização destes coletivos sociais.

A partir das premissas da extensão universitária, quais sejam, indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão; interdisciplinaridade e interprofissionalidade; impacto na formação dos sujeitos integrados a academia do ensino superior, sejam eles Estudantes, Professores ou Técnicos; impacto nas comunidades em que atuam; e de modo muito especial, a interação dialógica, como fora proposta por Paulo Freire (1983), parece ser possível a retomada de um equilíbrio social entre campo e cidade.

Esse argumento, pode sinalizar novas possibilidades de (re)existência das comunidades tradicionais localizadas no interior do país, na medida em que devam promover novas perspectivas existenciais nas práticas produtivas, que lhes garantam trabalho, emprego e renda, substituindo àquelas decorrentes da associação dos Agricultores aos Sistemas Integrados de Produção Agroindustrial, aonde são vistos como “peças de uma engrenagem”, orientadas pela ideia de cadeia produtiva.

A possibilidade que se constitui com a agroecologia, para além de uma condição econômica, estabelece uma proposta de vida diferenciada, destacada por condições como gestão comunitária e participativa, interação social autônoma e emancipatória, princípios ecológicos que garantem a sobrevivência, baseada em respeito e convívio com o meio ambiente e surgimento de uma nova possibilidade de desenvolvimento dos sujeitos e das localidades em que estes estão insertos.

Uma transformação de fato em todas essas condições, passa necessariamente por políticas públicas de orientação e estruturação nas propriedades rurais familiares, com suporte estrutural, material e financeiro, mas também por uma reformulação sensível da proposta educacional das populações que vivem nessas propriedades rurais, de origem tradicional e comunitária, o que remete a uma reflexão para a educação do campo diferenciada, baseada na realidade das famílias de agricultores, como na sugestão descrita neste trabalho, seguindo Begnami (2006), que defende a abordagem da pedagogia da alternância.

Esta reformulação da educação nesses espaços rurais, circunscritos por comunidades tradicionais, deve ser amparada por uma nova proposta socioeconômica, que integre as realidades locais às melhores condições de formação de seus habitantes, associando as necessidades de realização de trabalho dos camponeses, às novas técnicas de agricultura sustentável e integração tecnológica de informação e comunicação, que atualmente movem os processos de existência social e econômica com soberania alimentar.

Nesse sentido, estudos como os conduzidos por Costa e Cabral (2016), promovem a chamada Pedagogia de Alternância, que concebe formas didático pedagógicas de levar a educação ao campo, que salvaguardam as necessidades temporais dos trabalhadores do campo, sem deixar de lado as necessidades formacionais que os indivíduos precisam absorver para uma nova interpretação da realidade produtiva e existencial.

Nesta dimensão propositiva educacional, esta reflexão teórica insere a agroecologia, já estabelecida como ciência, defendida por Machado *et al* (2020), como podendo fornecer aos sujeitos uma nova perspectiva produtiva e relacional na atividade rural de famílias de agricultores, constituindo possibilidades de produção e práticas que elevem a condição humana, com qualidade de vida e estabeleça melhores formas de uso racional dos recursos naturais e conseguinte, respeito ao meio ambiente.

Neste primeiro momento, interpretando teoricamente as possibilidades que o Projeto de Extensão "Feira Agroecológica" pode fornecer, fica evidenciado que os três eixos em que ele se propõe atuar, quais sejam, a viabilidade de comercialização de produtos, a formação de sujeitos alicerçada em conceitos e definições contextualizados com sua realidade e a produção agrícola orientada por práticas mais ambientais e humanas ligadas à vida e ao consumo consciente, podem ser efetivados a partir de uma proposta contextualizada de educação do campo, e assim seja capaz de estabelecer novas condições de (re)existência a que esse trabalho faz referência, quando expõe sua justificativa e objetivos.

CONCLUSÕES

Este trabalho se compõe por uma reflexão teórica, exposta aqui nos resultados e discussão, mas também na introdução deste texto, que buscou entender possibilidades transformadoras de vida e existência a partir da articulação de uma proposta de produção agrícola, comercialização e consumo, orientada pelos princípios filosóficos da agroecologia, e novas bases de educação do campo, centrada na pedagogia da alternância.

A realidade atual da produção agrícola das propriedades rurais familiares, antes constituídas tradicionalmente, está sensivelmente transformada pelo modo de produção hegemônico, em um processo de integração agroindustrial, que reforça os paradigmas que sustentam o sistema dominante, neoliberal e capitalista.

Tal condição socioeconômica e cultural, apesar de ser reconhecida pelo senso comum da sociedade, impõe condições excludentes, perturbadoras e opressoras, aos sujeitos sociais, especialmente relacionados a espaços geopolíticos não privilegiados pela lógica de mercado que favorece o consumo.

Destacadamente podemos relacionar entre esses espaços, àqueles que estão localizados na região onde se estabelece a Universidade que conduz o Projeto de Extensão “Feira Agroecológica”, conforme descrito neste trabalho.

Neste sentido o trabalho procurou conduzir então as possibilidades que sugerem o Projeto de Extensão “Feira Agroecológica”, contornada por uma proposta de educação no campo, no sentido de construir novas realidades de produção agrícola e modos de vida, diferentes daqueles sugeridos pela proposta hegemônica, que orienta os sistemas de integração agroindustrial.

Para o alcance deste objetivo, foram expostas as condições de adequação de contexto e da formação apropriada das famílias de agricultores, a partir do que conduz a Pedagogia da Alternância. Esta proposta pedagógica proporciona uma educação no campo favorável à formação da população camponesa na atualidade.

Apresentada como uma proposta reformadora do modo de formação dos sujeitos nas comunidades tradicionais, que operam a agricultura familiar, sinaliza para a possibilidade de transição segura, de um modo de produção convencional, estruturado por sistemas de integração agroindustrial, movido pelo paradigma dominante, para práticas de produção agroecológicas, que devem oferecer novas possibilidades de vida e existência social.

De modo prático o trabalho procurou expor, pela via metodológica e epistemológica que conduz o Projeto de Extensão “Feira Agroecológica”, como uma nova proposta de formação e ação pode favorecer as famílias de agricultores familiares das comunidades tradicionais regionais.

A resposta sinaliza para uma segura comercialização de produtos agrícolas, garantindo a sobrevivência material das famílias de agricultores, conectada com formação de conhecimentos, consciência humana e ambiental, assegurando novas formas de produção, em comunidades tradicionais.

Conclusivamente é necessário afirmar que reflexões como as propostas nesse trabalho, são possíveis origens para os resultados desejados no futuro, quando da consecução de ações extensionista como a “Feira Agroecológica”, aqui explicitada, e ainda promovem, mesmo que por uma discussão preliminar, a possibilidade de esperar propostas de (re)existência da vida humana associada.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A. Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 2. ed. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

ASSIS, Renato Linhares de. Agroecologia no Brasil: análise do processo de difusão e perspectivas. 2006.

BEGNAMI, João Batista. Pedagogia da alternância como sistema educativo. *Revista da Formação por Alternância*. N. 2, p. 24-47, 2006.

BORDA, Orlando Fals. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1981 p. 42-62.

- BRASIL. Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília: Casa Civil, 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 21 Fev. 2021.
- CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. Org. Dicionário da Educação no Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular. 2012.
- COSTA, Maria Lemos; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. Da Educação Rural à Educação do Campo: uma luta de superação epistemológica/paradigmática. *Revista Brasileira de Educação no Campo* (2016-12-01). vol. 1, no. 2. pp. 177-203. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/2763/9296>>. Acesso em: 03 Abr. 2021.
- FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Brasília. Editora Universidade de Brasília. 1982.
- NEVES, Marcos Fava. Método para planejamento de gestão estratégica de sistemas agroindustriais (GESis). *Revista de Administração – RAUSP*, São Paulo, v. 43, n. 04. Out/Dez. 2008.
- FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 60ª ed.- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- IKUTA, Fernanda Keiko; PIMENTEL, Anne Geraldi; BARRETO, Marcelo; CÂNDIDO, Mariana Nunes; COSTA, Cesar Renato Ferreira da; HOCAYEN da SILVA, Antônio João; MENEGHINI, Giovanna e SOUZA, Mateus. Metodologias participativas na extensão universitária: as experiências da feira agroecológica do Campus Irati. *In.*: Jorge Luiz Favaro, Marquiana de Freitas Vilas Boas Gomes, Fernanda Keiko Ikuta. (Organização). Experiências e reflexões extensionista: Núcleo Multidisciplinar de Estudo em Agroecologia e Produção Orgânica da Unicentro. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2020
- LAURENTINO, Juliana Alexandrete. Análise da cadeia produtiva do tabaco e dos impactos socioeconômicos da cultura fumo nas propriedades rurais de Lajeado Biriva, município de Três de Maio – RS. Trabalho de conclusão de graduação (Graduação em Ciências Econômicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Três de Maio, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/87428>>. Acesso em: 10 Mai. 2021.
- MACHADO, Odália; CAMPOS, Alessandra Bernardes Faria; SILVA, Rosely Mendes; GOMES, Renata de Souza. Educação do Campo e Agroecologia: práticas pedagógicas na formação de educadores do campo. *Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia*, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.
- MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Livros I, II e III. 2006.
- MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio teórico? *Revista de Administração Contemporânea - RAC*, Curitiba, v. 15, n. 2, pp. 320-332, Mar./Abr. 2011.

ORREDA, José Maria. Irati, 70 anos. Irati: Editora Sul Oeste do Paraná LTDA, 1977.

PALARO, Ricardo; BERNARTT, Maria de Lourdes. O trabalho como princípio educativo e como princípio de alienação: possibilidades e limites da pedagogia da alternância. *Revista HISTEDBR Online*, Campinas, n.46, p. 293-308, jun 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640087>>. Acesso em: 04 Abr. 2021.

REDFIELD, Robert. *The little community and peasant society and culture*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Jocyléia Santana dos; MACEDO, Maria de Lourdes Leoncio. Pedagogia da Alternância: teoria e prática na construção do conhecimento. *Revista Observatório*, Palmas, v. 3, n. 4, p. 581-602, jul-set. 2017. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3169/9798>>. Acesso em: 04 Abr. 2021.

STAKE, Robert E. *Qualitative research: studying how thing work*. New York, 2010.

STAKE, Robert E. The case study method in social inquiry. In. *Educational Researcher*, 5-8. Sage. 2005.

UNICENTRO - Universidade Estadual do Centro Oeste. *Feira Agroecológica*. Guarapuava: PROEC – Pró-reitoria de Extensão e Cultura, 2019.

VERGUTZ, Cristina Bencke; CAVALCANTE, Ludmila Oliveira Holanda. As aprendizagens na Pedagogia da Alternância e na Educação do Campo. *Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 22, n. 2, 2014, p. 371-390.

WEISS, Carla. Mensuração de custos e rentabilidade implícita das propriedades tabaqueiras do sul do Brasil. *Custos e @gronegócios on line*. Recife, v 11. n. 3, Jul/Set., 2015, pág. 280-297.

Submetido em: 04/05/2021 Aceito em: 28/07/2021